

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 150 rs.

A MARMOTA.

A EXPIAÇÃO

POR

Henrique Neville.

(Conclusão.)

Um dia seu marido entrou em casa com ar contristado e lhe apresentou um despacho recentemente recebido de Paris. A revolução de julho acabava de mudar a fórma de governo, a revogação de marquez era inevitável. Elle não quiz ouvir a este respeito, e o mesmo estafeta que lhe trouxera o despacho tinha voltado com sua demissão. O marquez de Piébourg prevenio sua mulher de sua proxima partida.

Dias depois residiam no bairro de S. Germano. Neste local, a marqueza de Piébourg perden, é verdade, muito de sua importancia, mas em compensação essa queda foi amortecida pelo allivio que experimentou de não mais encontrar no mundo os rostos severos de seus perseguidores. Durante algum tempo respirou.

O marquez não tinha entretanto os mesmos motivos que sua mulher para supportar facilmente sua desgraça; desde sua volta a Paris o aborrecimento o consumia profundamente; para disfarçar-o buscou distracções na especulação e nos jogos da praça; mas seu

noviciado nesta carreira onde a felicidade custa mais cara do que na diplomacia, arruinou-lhe completamente os fundos de que dispunha. O dote consideravel que sua mulher lhe havia trazido não chegava para pagar as differenças que seu agente reclamou, depois de uma liquidação desastrosa. Ora, nós sabemos que toda a fortuna do marquez provinha de sua esposa, e pois forçado foi descobrir-lhe todo o horror de sua situação. Com persuasão induzio-a a ir lançar-se aos pés de seu pai, onde unicamente havia presumivel salvação. O Sr. Dubois podia com o seu dinheiro, ou nome, sustentar a quebra vergonhosa que era imminente. A esta proposição Josephina vio incontinenti surgir ante si em sua mente o espectáculo terrivel do baile de Stuttgard, recordou-se de todas as peripécias occorridas então.

— Vêr-me reduzida, dizia ella, a implorar o soccorro, a mendigar favores a meu pai, depois de o ter renegado? nunca antes a miseria com todos os seus horrores; antes a morte a mais melonha, que semelhante proceder!

— Pois bem, seja assim, responden friamente o marquez, afastando-se; a morte para mim, a miseria para ti, e a deshonra para nossa familia, porque morro sem deixar com que solver meus debitos!

Uma hora depois um tiro de pistola fez-se ouvir no gabinete para onde o marquez se retirára: elle acabava de pôr fim á sua existencia com uma bala nos miolos, e sua viuva ficava só, tendo uma filha de cinco annos para educar e sem um real de seu!

senhora de Villar, accrescentou o joven amargamente.

— Leonardo, atalhou a donzella, não sois generoso; fallando assim despedaçes minha alma.

— Ah! e não vê, senhora, o que soffro? Vês outros, grandes, não sabes o que é compaixão, não. O orgulho, a soberbia vos abafá no coração esse doce sentimento que faz a nossa felicidade. Veja! somente porque não obedeci cegamente á ordem de retirar-me da casa de seu irmão, quiz elle castigar minha audácia, como a chamou, com a morte!

E, todavia, minhas acções até hoje tem provado a minha dedicação por sua familia. Além disto, acabava eu de cumprir a missão de que me havia encarregado, com a maior dedicação e presteza, sem repouso nem alimento, haviam vinte e quatro horas.

A minha obstinação podia ser esquecida por outras acções anteriores que fallam mais alto de minha fidelidade e respeito; mas elles nem nisso repararam. Quanto a vós, minha senhora, unir-se-ha sem constrangimen-

Josephina, vendo a miseria descarnada que lhe abria os braços, correu á casa da familia de seu marido em busca de soccorro. Seus parentes por esse lado tinham considerado a união do marquez com ella, como um casamento desigual. Ella foi, portanto, recebida com certo desdem; e ahí só humilhações e dissabores experimentou. Olhavam-a como a causa principal da morte tragica do marquez, e a criam responsavel; censuravam-a de ter sacrificado os dias e honra de seu marido ao bolso de seu pai. Ella com resignação evangelica devorou em silencio todas essas affrontas, porque para justificar-se ser-lhe-ia preciso divulgar a historia do baile de Stuttgard.

Emfim, uma velha rica, tia do marquez do Piébourg, offereceu-se a tomar a seu cargo a educação da menina, sendo, porém, com a condição de separar-se della. Esta clausula magoou profundamente o coração da marqueza; era dura de mais para uma mãe; regeitou, portanto, seus serviços, e vendo-se repudiada, injuriada de todos, corridá de toda a parte onde pedía hospitalidade, tomou um partido corajoso, foi occultar-se em uma mansarda, onde de suas proprias mãos por tanto tempo ociosas tirava a subsistencia para sua filha.

Parcia-lhe menos humilhante trocar a casa nobre de fidalga pela choga do plebeu, que curvar sua allivez ante seu pai, que implorar o seu perdão!

O caracter desta mulher era de uma tempera pouco commum, pois que o orgulho sobrepujava a desgraça, de mistura com o

to talvez a um homem que não conhece, que talvez aborrea, somente porque elle se lhe apresenta com um grande nome e riquezas; e não dará sequer uma lembrança aos pobres amigos que tanto a amaram, e que morreram com a sua ausencia. E diz que é sensível á desgraça alheia!.. accrescentou o joven em azedume!

— Escuta, Leonardo, disse a joven senhora, depois d'alguma pausa; fazes mal em me enumerares no teu sentimento com o mesmo caracter de meus irmãos. Não os conheço, delles foi separada muito menina, respeito-os e estimo-os por que minha mãe assim m'o ordenou, morrendo; porem não sei se são honestos ou libertinos, se são bons ou máos. Sei só de mim, que te vou fallar.

Nasci em Lisboa, e até a idade em que me viste pela primeira vez tinha eu gozado somente as caricias d'uma terna mãe. Era ella tão boa, que chorava a desgraça alheia com dores proprias; e eu aprendi com ella a não desprezar a classe indigente, onde, dizia-me ella, hia muitas vezes abrigar-se mais facilmente a virtude. Tinha doze annos quando a perdi! E logo depo's embarquei para o

POLETTI.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

— Sim, senhora, continuou o joven com animação; a senhora vai casar-se; irá d'aqui para bem longe, para o reino (1). Lá no meio das grandezas do sua patria, esquecerá facilmente o obscuro filho da Administrada; esquecerá o seu amigo de infancia, por que elle não é rico como esse homem; a quem a quem uniu, porque elle não tem um titulo para offerecer-lhe, como esse outro! E não obstante, elle daria a sua vida por sua felicidade. Mas elle morrerá ignorado.. esquecido! E que tem semi-selvagem com a nobre

(1) Assim era designado Portugal no tempo colonial.

sentimento do mais ardente amor maternal.

Josephina conhecia em sua mansarda todas as provanças, todas as torturas, todas as miserias da vida. Ouvio sua filha pedir-lhe lacrimosa o pão de seu sustento sem poder dar-lhe-lhe viu muitas vezes ella, coitadinhal tiritar de frio, sem ter com que agasalha-la, e não ser o seu regaço! O pensamento do suicidio mais de uma vez rebentou em meio de tantos soffrimentos!

Sua expiação foi longa e dolorosa!... Deos havia escutado as phrasas prazugentas que seu pai lhe dirigira, e desde esse momento ella foi maldita. Como a filha criminosa não voltasse ao lar paterno, o pai compadecido foi busca-la. O Sr. Dubois comprehendeu que era mister sargar aquella ovelha transviada, correu ao seu encontro.

Quando a entrou na mansarda e que viu attentamente o covil dessa miseravel creatura, acerbos ramorsos mogoaram-lhe o espirito; recordára-se que sobre ella tinha lançado sua maldição e pouco faltou para pedir-lhe perdão; mas já sua filha estava estreitada em seus braços e misturava suas lagrimas com as do pobre velho, cuja ternura produzira mais effeito no coração de bronze da marquezia, do que todos os golpes da adversidade.

A menina dava alegremente suas faces aos beijos de seu avô e buscava com ancia o seu sorriso de outr'ora.

Graças a esta bondade inesgotavel, que se encontra sempre no coração de um pai: a expiação chegou a seu termo.

A marquezia estava salva.

F. M.

(TRAD. POR BRAULIO CORDEIRO.)

CARTAS MYSTERIOSAS.

Carta IV.

LEONOR A EMILIA.

Emilia, como és fraca! teus receios São receios de moça; eu sou mais velha, Melhor das cousas sei e as avalio Sem o temor de que trazer me possam Resultado funesto e não previsto.

Brasil, onde meu irmão mais velho tinha grandes possessões, e onde era governador d'uma Colonia. Aqui chegando, estranha no Paiz, foi por meus parentes tratada com a mais fria indifferença. Fui um ramo do mesmo tronco que junto delles crescoo ignorado. Não obstante, dous corações se abriram para me acolherem.

Foste tu e tua Mãe! ambos me consolastes no meu exilio; tu foste o companheiro inseparavel de meus brincos de infancia, e tua mãe cuidou de mim com uma ternura superior á sua condição.

— Pois bem, Leonardo, a filha do Nobre Snr. de Villar, a irmã do Poderoso D. Martin, desprezaria todas as riquezas do mundo, todo o fausto e grandeza de pomposos titulos se em troco lhe fosse permittido gozar ignorada da unica sociedade que convém ao seu coração. E, se lhe fosse permittido a escolha de um esposo, ella diria preferindo-te a todos os homens! — eis aqui aquelle que eu escolho para companheiro da minha vida!

É a moça estendida a mão, ao dizer estas palavras, a seu terno amigo com notavel mistura de graça e de amor!

Nos homens acreditas, e é por isso

Que já supões Armino apaixonado
E capaz de morrer por nossa causa.
Digo por nossa, porque neste enredo
Entraste e viverás sempre envolvida,
Embora a teu pezar. Tu não calculas,
Emilia, do que os homens são capazes!
O mais certo é que Armino alguma aposta
Fez com outro, talvez (qual nós fizemos),
E o que deseja é ver se obtem resposta
Da carta que escreveu, para tornal-a
Papel de amostra, como muitos fazem.
Não conheces o mundo! não tens pratica
Dessas cousas, Emilia; entre as senhoras,
Nós outras de salão, é differente
A vida que se passa; os cavalheiros,
Os nossos *Degeais*, trazem da lingua
Sempre na ponta as phrasas correntinas
Desses bellos discursos sempre choios
De lugares communs, obra estudada,
Especie de Soneto em dia de annos,
Que, mudando-se o nome, a todos quadra.

Tão affeita já vivo, minha Emilia,
A todas essas cousas, que nem vejo,
Como pudera ver, *no mato a cobra!*
Não creias, minha amiga, que o motivo
Do receio que mostras, não me esteja
Bem aos olhos patente em tua carta!..
Sou mais viva talvez do que tu pensas;
E quando mesmo por froqueza, um dia,
Tu viesses a ser de Armino a amante,
(Isto é supposição) bem pouco abalo
Me daria esse passo, bem que fôsse
De uma iniqua traição bem clara prova.
Sei o que valho, e sem que seja orgulho,
Para que uma rival me desthronasse,
Direi, que era mister que ao menos fôsse
Sempre do que eu melhor alguma cousa.

Não é de amor, Emilia, que se trata,
Nem por nós vive Armino apaixonado.
São muitas as mulheres e são poucos
Os homens, e é d'ahi que nasce, amiga,

— Meu Deus! exclamou com força o manco levantando-se anhelante, e cahirto aos pés da donzella... deíte-me um coração muito pequeno para conter tanta felicidade!... Narcisa, tu me amas?... Não foste insensivel ao amor profundo que meu coração alimentou em segredo por ti? Não deslenhaste desconhecer a adoração que te dava o pobre filho d'uma *Administrada*?! Quizeste descer d'altura em que a Providencia te fez nascer para te nivelares á minha obscuridade?!

— Sim, eu te amo, Leonardo!

— Oh! agora posso tudo dizer-te, fallava o moço ebrio de alegria; posso confessar-te que vivo de ti como a hera vive da sêve de que se alimenta; sem ti o mundo para mim é um deserto; tu é que enches o meu coração; é que vens animar a aridez de meus pensamentos, que povôas o espaço que eu achava vazio diante de mim; tua imagem segue-me á toda parte; teu nome repetido em segredo inunda a minha alma de inefavel prazer; és tu o pharol luminoso que guia meus passos na vida; eu te amo como o desgraçado ama a sua crença!..

A falsa posição em que vivemos!

Vinte mulheres, no Brasil, a um homem
Dizem que cabe, e disso não duvido,
Pois dellas vejo a quantidade immensa
Que em todos os lugares se agglomera.
Ora, havendo onde os homens muito escolham,
De preço, em proporção, abate o genero.
O que nos vale, Emilia, é que nem todas
Têm labios de coral, faces de rosa,
Dentes de jaspe, nem cabellos de ouro,
Ou de negro asevice, como pinta
Quasi sempre quem ama ao bem que adora;
O que nos vale é não faltar aos centos,
Para um velho chixello um pé cambaio!
E como o hom e o mão sempre ha de sobra,
Nós entramos tambem das mais na conta.

Minha amiga, é preciso deste mundo
As phases conhecer e acompanhal-as,
As cousas receber pela ametade,
Deixando-nos de crer em palanfrorios,
Que se n'outras nações foi mal funesto,
Menos p'ra ellas que p'ra nós tem sido.
Não creias não, por tanto, minha Emilia,
No que dizem os homens; inexperita,
Boa, como és, tu facil acreditas
Nas cartinhas de amor que elles te mandam,
E tanto assim que, dona ser quizeras
Tê da carta d'Armino!.. Talvez elle
Nem a ti, nem a mim tenha na idéa;
E de alguma de nós a ter lembrança,
Mais em mim, do que em ti elle pensára,
Por ter sido por mim desafiado.
Deixa, pois, de ter medo do que pode
Trazer em resultado este brinquedo.
Não ha conjurações no nosso imperio;
Não se trata de achar o diamante
Perdido no senado, e nem tão pouco
Da nova opposição no *Tres de Maio*.
Nossa guerra é de amor; por tanto, *pensa*
E resolve, Emilia. Não te fies
Em prosa de ninguém, e em verso, menos;
Que os poetas que temos e os prosistas

— Leonardo! E como te não amaria eu conhecendo o thesouro que encerra esse noble coração!

— E eu que te amava sem esperanza, e somente enlevado na felicidade de estar junto de ti! repelia o filho de Iphygenia, olhando com indizivel amor para a donzella. Eu, que te chamava sem cessar nos bosques, na solidão, para fazer a minha alma estremecer de prazer, ouvindo o teu nome repetido pelo echo d' montanha, posso agora chamar-te minha! posso confessar-te todo o fogo que me abrasa! Oh! minha querida, deixa que a teus pés eu te agradeço todo a minha ventura!.. Deixa que o meu primeiro beijo de amor seja guardado em teu coração!

E cingindo a moça em seus braços, seus labios se reuniram em um longo e estremeado beijo! A donzella, com este contacto estremeceu; uma nova sensação lhe abalou a alma; seu coração palpitou com mais violencia, e, como a pomba ferida pela flecha do caçador, deixou cabir a cabeça languida sobre o hombro do seu amado!

(Continúa.)

(Os mesmos aqui são, que em toda parte)
Até do nosso amor são *plagiarios!*
Foge delles, Emilia; de palavras
Enche-se a casa e a gente não vê nada.
Quem Cupido pintar co' as mãos vastas
Não sabe o que é Amor! Cupido é cego.
E cego dá; prazer é de quem ama
Dar sempre, inda que seja um simples beijo;
Ao que não fór assim, tapa os ouvidos;
Em amor de palavra hoje acreditada
Quem palavra de amor dá sem ter medo.
Tenho, pois, te mostrado, ó cara amiga,
Que vás no teu pensar caminho errado;
Vale mais que dos outros nos riámos,
Do que a rir-se de nós haja quem chegue.
Segundo o nosso plano, nós podemos
Ir ávante, e de Armindo, entre os amigos,
(Os amigos do tempo) talvez haja
Actor que um bom papel faça no drama,
E nos traga em amor alguma proveito,
E quem sabe a final... enfim, quem sabe
O que Deos p'ra fazer tem inda, Emilia?
Teu dito por não dito; mãos á obra,
Vamos ver nosso heróe como se safa;
Faz isto e deixa o mais por minha conta.

LEONOR.

LAMARTINE

accusado de roubo litterario.

GRASIELLE POR LAMARTINE.

Carta deste autor a alguns jornaes litterarios que o accusaram de ter roubado ao conde de Forbin o episodio de Grasiella.

AO SR. DE LOURDOEIX.

Meu antigo amigo e senhor. — Vejo-me punido de ter em outro tempo amado demais o ruído, esse bello ruído que se chama a celebridade ou a gloria; ferino e vil ruído que se chama a injuria e a diffamação, persegue-me até no meu retiro. Estimaria ser surdo para não ouvi-lo; porém o entregador o traz cada manhã no seu sacco: eu leio os jornaes.

Não basta os vivos que laçam sobre os muros de minha vida privada as accusações e os odios; é necessario evocar os mortos. Eis que hoje meu antigo amigo Brifaut, do fundo do seu tranquillo e gracioso Elysée classico, onde tão facilmente transformou-se em uma sombra, accusa-me na Gazeta e no Reveil: de que? De ter roubado um romance a Mr. de Forbin. Não se trata de um quadro mas de uma penna; e para que fim, se cada um de nós tinha a sua?

Entretanto eu roubei um romance a esse delicado pintor; esse romance é Grasiella.

Permitti-me que proteste com dous argumentos contra esta insinuação.

O primeiro é, que nem conheço o livro que me accusam de ter roubado com tanta fidelidade litteraria.

O segundo é, que Grasiella nunca foi um romance: é uma reminiscencia dos dezoito annos: é uma primeira lagrima do coração, que alli se conservou pura e quente, como uma gotta de orvalho, na fenda de um alcantil, e que enfim, se deslousou sobre uma pagina das minhas obras. Se en tivesse roubado essa lagrima a Mr. de Forbin, não seria

sómente um plagiario, como se diz, mas um sacrilego; porque de todas as propriedades, a mais pessoal, a mais inviolavel, a mais sagrada, é de certo uma lagrima; as minhas me pertencem, nunca precisei rouba-las a outrem.

Sorprende-me esta pequena insinuação póstuma, escapada do tumulto de Mr. Brifaut o mais brando e amavel de todos os homens; tão amavel e tão brando que para se lhe attribuir com verosimilhança a mais fertil malicia foi preciso esperar-lhe a morte!

Vou dar-vos porém a prova da minha innocencia; sabeis o dito de Montesquieu.
Se me accusassem de ter roubado as torres de Notre Dame, fugiria immediatamente. Talvez se me fizessem a mesma accusação, eu respondesse como Montesquieu; mas se me accusassem de ter roubado um esqueleto do romance, faltariam-me as forças para fugir, e eu me deixaria prender em flagrante, sem saber aproveitar minha presa, que me apresaria em restituir a um desses encantadores espiritos do meu paiz, que transformam essas nihilidades em obras primas.

Recebei, caro e antigo amigo, o protesto de minha constante estima.

LAMARTINE.

No castello de Muccau, junto á Macou, 12 de Fevereiro de 1858.

(Entr.)

A nossa missão.

Não se deve deitar ancora na viagem da vida, porque o seu termo é incerto.
P. T. D'ALMEIDA.

Os sabios naturalistas tem observado que o nosso globo parece particularmente adaptado á residencia de seres collocados nelle por pouco tempo, cujos deveres são promover o melhor e mais feliz estado de existencia, perseverando no caminho da virtude.

A natureza sugere-se com custo aos deveres sociaes; é lenta na execução delles: por isso pertence á nossa vontade remover essa repugnancia, mudar a indolencia em resolução, e caminhar.

O dia succede á noite; as estações se renovam; a lua todos os dias muda de face; o sol nasce, sobe, apruma-se, declina e põe-se: é a imagem da vida; e esta, no seu rodar silencioso, vai ceifando indistinctamente sem nos advertir do fim da nossa carreira.

Se uma hora foss' semelhante á outra, se a passagem do sol não nos mostrasse a extincção do dia; se a mudança das estações não nos apontasse o termo do anno; o esquecimento do passado e imprevidencia do futuro não daria lugar a comparar o tempo perdido com o que ainda resta; mas a marcha do tempo é tão visível, que mesmo aquelles, cuja comprehensão pouco excede o instincto animal, sabem distinguir a noite do dia e o verão do inverno.

A natureza, em si mesma, é disto uma admoestação continua, que nós frustramos; e ao passo que somos minuciosos para os nossos mais mesquinhos interesses, esquecemos o nosso oceano. Tudo são delongas para os deveres.

Mas de tanta desatenção, tão geral e malevolá seja isento o estudioso, o amigo do bem, do saber e da verdade. Este, que deseja a felicidade dos outros, com abnegação de si mesmo, goze o fructo de suas lucubrações; em quanto o que busca o interesse

proprio, esquecido de que não vive tanto para si, como para a sociedade, é pela noite do tempo alcançado no meio de seus projectos.

R.

TARDES DE UM PINTOR OU INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez o anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924).

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

CAPITULO XV.

O PROCESSO.

A casa de Agostinho, o tio de Julianno, era tão perto da de Paulo, que nem dez minutos se gastaria de uma á outra. Quando Julianno saiu de casa de Paulo, dirigiu-se para a de seu tio, onde morava, como o leitor sabe. O que porém é extraordinario é, que quando aconteceu a assassinato de Leoncio já Julianno estava em casa.

Eram nove horas quando, ceando Julianno com seu tio, o commandante de uma escola, que fazia o serviço de policia entrando em casa de Paulo prendeu a Julianno de ordem do Ouvidor da comarca, e o levou á cadeia, onde mediante algumas patacas, ficou na sala livre.

Agostinho, á vista do facto ficou quasi louro; saiu áquella mesma hora, e sabendo na rua que o motivo da prisão de seu sobrinho era o haver ferido com uma faca ao licenciado Leoncio, pouco faltou para brigar com quem lhe dizia semelhante cousa. Em primeiro lugar, achava seu sobrinho incapaz de uma tal indelicadeza; em segundo, elle sabia que seu sobrinho estava em casa á hora do assassinato.

Bem que todos soubessem que Agostinho era um homem de bem, todavia não lhe davam credito, acreditando ser Julianno o aggressor, e que elle o defendia, como seu tio, e o mais é que o mesmo Paulo não tomava a defeza de Julianno, dizendo que elle havia sahido de sua casa, que pouco depois sahira o licenciado; que no momento deste sair fóra ferido, e gritara que quem o matava era Julianno, sobrinho do senhor Agostinho; que ouvindo estes gritos elle, Paulo, chegara á janela, e que o aggressor que feriu era Julianno. Clara não fazia senão chorar.

Agostinho comprehendendo, pela linguagem de Paulo, que o negocio era muito serio, porque Paulo a quem cumpria defender Julianno, como seu futuro genro o abandonava: e no que mais perigava a causa de Julianno era em que Paulo nenhum odio, nenhum interesse mostrava, e parecia fallar só por amor da verdade. Todavia, esta convicção de Paulo contra Julianno abalou-se fortemente á vista das razões de Agostinho.

— Vós dizeis, senhor Paulo, (dizia Agostinho) que meu sobrinho estava em vossa casa: bem. Que entraram os senhores licenciado Leoncio, e padre Roberto, e que meu sobrinho sahio; que pouco depois sahio o licenciado e que a viogar o portil da vossa

casa fôra ferido, e que nesse momento gritara que Julianno, meu sobrinho, o matava; que chegando vós á vossa janella vistes o aggressor que fugia, e que este era Julianno; entretanto as razões que daes para ser elle, são: 1.^a que o conhecestes pelo traje; 2.^a porque a licencía gritou que Julianno era quem o matava!

Notamos primeiro, que entre Julianno e o licenciado não nos consta que houvesse desavença alguma, e o mesmo Leoncio o confirma. Se alguma desavença houvesse, porém, o Julianno quizesse fazer alguma ao licenciado, certo não o faria ao sair elle de vossa casa, tendo antes estado nella o mesmo Julianno. O licenciado é homem que anda até tarde, sem companhia, e em horas mortas poderia qualquer inimigo seu fazer-lhe alguma. Dizeis vós que Julianno estava de calção preto, collete branco, e casaca cor de vinho, e que o aggressor assim estava; mas notai que esse facto é muito ordinario, e que liquor o tem. No fim de tudo deveis notar que qualquer nódoa que por ventura manche a reputação de Julianno recabe igualmente sobre vossa familia, porque Julianno estava para ser vosso filho.

Eram estas, e outras razões as que allegava Agostinho; e Paulo parecendo sentir o peso dellas, já dizia que julgava a Julianno incapaz de um tal feito.

Não era Paulo um homem de educação fina, que pudesse apreciar estas delicadezas de honras de familia, nem tirar de seu proprio fundo razoaveis argumentos, para por meio delles em um complicado negocio acertar com o melhor; mas tinha ao menos a boa qualidade de seguir o melhor quando lhe era demonstrado.

Em fim, o processo principiou, e seguiu seus tramites. Leoncio era parte, e tambem a justiça, visto ser o ferimento feito de noite.

(Continúa.)

Dialogo

entre dous amantes.

— Menina, quer que lhe diga
O que sinto dentro em mim?
Quer que eu diga o que a alma sente?
Responda que não ou sim.

— Sim — Pois bem, sinto no peito
A paixão mais delirante,
Por ser seu eu dera a vida
Com prazer sempre constante.

— Não — não quero, Deos me livre!..
Por ser meu, perder a vida?
Viva, viva a seu contento,
Não lh'a quero vêr perdida.

— Mas então, bella menina,
De pezar me afogarei,
E á vista d'uns lindos olhos,
Justo Deos! não mais verei.

— Deos! porque? Porque a senhora
Não me amando, me despreza,
Atirar-me eu vou d'um jacto
Das aguas na correnteza.

— Cio... escute... então que é isso?
Devéras não tem miúdo?
Não se afogue assim tão moço,
Venha cá... não seja tolo.

Se eu amal-o? — Então meu anjo,
No mais puro e santo ardor,
Juro dar-lhe a flicidade,
A seus pés morrer de amor.

Os seus olhos me embriagam,
Prendem o meu coração:
— Neste caso vou ser preso
Por não ter, e não ter não?

Como vejo as más tenções
Que estava ha pouco dizendo,
Da justiça do vendado
Doce bom, não me defendo.

Vou ser sua, não se mate
Não queira me dar tormento.
— Não, meu bem, vou, nesse caso,
Tratar já do casamento.

M. A. Calazans Peizoto.

Pergunta dolorosa feita à minha cruel sorte.

Qu'è da minha bella infancia
Qu'è da minha mocidade,
Que só vejo em minha frente
A dor da negra saudade!

Negra estrella foi a minha
Quando vim a este mundo,
Pois que a aurora brilhante
Tornou-se em pezar profundo!

Mas que digo! ó illusão
De uma vida emprestada,
Que mesmo unida á virtude
Por seu Dono ella é tirada!

Que importam dias felizes
D'uma vida de esplendor
Quando essa foutez terrivel
Ceifa os dias com rigor!

Qu'importa a sabedoria,
Qu'importam de gloria os feitos,
Qu'importam os medalhões
Com que adornam nossos peitos!

Ah! vaidade deste mundo,
Flagello da humanidade!
As galas despe do engano,
Vê na morte agra verdade!

Anna Flora da Silva Maia.

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez e conselheiro
J. J. RODRIGUES BASTOS.

ESCRITURAS.

- O homem marcha sempre entre escolhos: feliz se evita o mais perigoso.
- Os homens mais elevados estão mais expostos: as grandes arvores são mais combatidas pelos ventos.
- O homem é discipulo daquillo, que o rodeia.
- O saber é para o homem estudioso, a riqueza para o vigilante, o poder para a coragem, o ceo para a virtude.

Charadas.

- | | |
|-------------------|---|
| Com —ta— mentira | 1 |
| Com —ta— direita | 1 |
| Com —ta— direita | 1 |
| Com —to— remedio. | 1 |

CONCEITO.

- Nos charcos
Me encontrarás,
Tambem em terra
Me acharás.

A charada do n. 947 é — Amofinado.

THEATRO MODERNO

De Lisboa.

PRIMEIRA SERIE.

Palavra de Rei. — O Anjo da Paz. — A Republica das Lettras. — O Noivado no Dáfundo, ou cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. — O Tio André que veio do Brasil. — O Senhor José do Capote e Entre o Martelo e a Bigorna.

Preço 2^o000.

SAGUNDA SERIE.

O Cavalleiro de S. Jorge. — Um susto feliz. — Era um vez um Rei. — Trabalhos em vão. — Receita para curar saudades. — Ambições de um Eleitor.

Preço 2^o500.

TERCEIRA SERIE.

A Fada. — A Escalla social. — Abençoada diabrura. — A Namorada do Principe. — Il lantias assim!... — Modesta.

Preço 2^o000.

Vende-se nas lojas de Paula Brito, praça da Constituição n. 64 e rua do Cano n. 44.

MANOEL BECKMAN

drama em cinco actos

PELO SR.

Dr. C. L. de Saesley.

Os poucos exemplares que restam deste drama, vendem-se na rua dos Ourives n. 60, e no novo estabelecimento de Paula Brito,

44 — Rua do Cano — 44

Preço 1^o500.

PIANO E CANTO.

As musicas do Sr. A. L. de Moura, recentemente publicadas, são as seguintes:

- | | |
|---|-------|
| Miscellanea portugueza, para flauta | 5300 |
| Dita para piano..... | 15000 |
| Bouquet das Brasileiras, contendo
15 peças de piano e canto..... | 52000 |

VENDEM-SE NA

44 — Rua do Cano — 44

e na

64 — Praça da Constituição — 64

LOJAS DE PAULA BRITO.

CARTAS DE JOGAR

chromolithographadas.

Paula Brito imprimio e tem destas cartas opacas, cujo grande merecimento consiste em não poderem ser vistas pelas costas, nem de dia, nem de noite ao travez de uma luz.

Mr. Grimaud, de Paris, obteve privilegio exclusivo pela invenção, e as fabricadas por —Paula Brito & Therier— são tão perfectas como as melhores vindas do estrangeiro.

Em baralhos... 15000

Em duzia..... 10000

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 64.